

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA

21 e 24 de Janeiro de 2025

### LE COUPLE TÉMOIN / 1977

um filme de WILLIAM KLEIN

*Realização, Argumento, Diálogos:* William Klein *Fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Philippe Rousselot, William Klein *Som:* Henri Moline *Música:* Michel Colombier *Letras canções:* William Klein *Intérprete canções:* Hugues Aufray *Montagem:* Valérie Mayoux *Direcção artística:* Françoise De Leu *Guarda-roupa:* Agnès B, Georges Bril *Assistentes de realização:* Jean-David Lefebvre, Olivier Jahan *Interpretação:* André Dussolier (Jean-Michel), Anémone (Claudine), Zouc (a psicóloga), Jacques Boudet (o psicólogo), Georges Descrières (o Ministro do Futuro), Eddie Constantine (o Dr. Goldberg), André Penvern (o apresentador de televisão), Roland Bertin (o director), Karl Joseph Kramer (o técnico alemão), Michel Tory (o jornalista de televisão), Jean-Jacques Schakmundès (o comissário), Frédéric Pottecher (ele próprio), Frédéric Weiss, Julien Maurel, Charlotte Levy, Jorge Fernandez (jovens terroristas), Marcel Gassouk, Marcel Layne, etc.

*Produção:* Films Paris-New York, INA, Artco-Film (França, Suíça, 1977) *Direcção de produção:* Roger Fleytoux *Produtora delegada:* Jeanne Klein *Estreia:* 30 de Março de 1977, em França *Título internacional:* The Model Couple *Cópia:* Arte, ficheiro digital, cor, legendada electronicamente em português, 101 minutos *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

#### Aviso

A cópia a apresentar de *Le couple témoin*, uma cópia digital proveniente da ARTE França, com pouca definição, não tem infelizmente a qualidade de projecção exigível. Sem tempo útil para conseguir uma alternativa para as duas sessões programadas, e atendendo à relevância do título na retrospectiva William Klein, optou-se pela sua exibição, alertando os espectadores para o facto e agradecendo-lhes a compreensão.

O final do genérico, com a inscrição “fim”, dá-se aos 96 minutos – duração que algumas fontes creditam como a duração original do filme (há variantes). A cópia que nos chegou tem, a seguir a esse final, dois minutos a negro e imagens sem som semelhantes a “rushes” e experiências gráficas do genérico. Optou-se por terminar a projecção aos 96 minutos.

---

É o 1984, é o *Alphaville* de William Klein. Radiografando o mundo em que vivia com “lentes de cristal”, William Klein manteve-se atento ao ideário capitalista, às potencialidades da manipulação, ao empenho na tecnocracia e na normatividade, ao “admirável mundo novo” a que tomava o pulso. *Le couple témoin* ou, em inglês, *The Model Couple*. Um casal maravilha? O “casal testemunho” de Klein em 1977 é formado por personagens comuns, sem traços de super-heróis, embora a ligação imediata se estabeleça com o delírio aos quadrinhos de *Mr. Freedom*, o Klein de 1969 em modo de farsa política futurista. O traço grosso da caricatura, a vibração *pop*, a ferocidade visionária foram premissas do cinema de ficção de Klein, participando do retrato do mundo da moda de *Qui êtes-vous, Polly Maggoo?* (1966) da sátira americana de *Mr. Freedom* ou, ao terceiro ovni de longa-metragem, da permeabilidade para o simulacro numa cedência clamorosa de coordenadas vitais e princípios fundamentais. A menor das quais não é certamente a privacidade. Ou pura e simplesmente a democracia. Não falando da decência.

*Le couple témoin* prefigura a realidade contemporânea do *reality show* (não destronada pela do *live* das redes sociais, equívoco termo), do culto da celebridade instantânea, o esplendor da videovigilância, o soçobro dos direitos, garantias e liberdades individuais, em suma, da cidadania. Um jovem casal, escolhido como “casal-tipo” para uma extrapolação sobre os cidadãos franceses no ano 2000, disponibiliza-se para uma experiência promovida por um Ministério do Futuro, aceitando a observação e o escrutínio em permanência num “apartamento-tipo” algures no grande estaleiro de uma “cidade nova”. Aí desembarcam

as personagens de Claudine (Anémone) e Jean-Michel (André Dussollier), emolduradas por setas e indicações que eles próprios encabeçam como o “couple témoin”, associado a uma “régie”, um “laboratório”, um “controlo”. Bem-vindos, diz a mulher que recebe as cobaias. Concentrada nesse espaço de “intimidade” devassada, a progressão narrativa enreda-se no absurdo das premissas, e as personagens comprometem-se com a trupe de técnicos e equipa de rodagem que regista o quotidiano em nome da experiência sociológica e para transmissão e debate televisivo. De piada em piada, as coisas correm mal. Com cientistas, políticos, agentes mediáticos, terroristas-crianças, e uma debandada final que deixa o “casal-tipo” isolado no estaleiro. Remata Klein: “A experiência acaba em violência, como todas as iniciativas gloriosas da nossa sociedade liberal.”

As cores garridas, primárias, em contraste com o ambiente branco “sobre branco 2001”, são um elemento visual distintivo, à semelhança da profusão de elementos gráficos, seja o tracejado “verde-spectrum”, mesmo sob o branco e o cinzento dos traços dos genéricos desenhados, sejam os fios e os adesivos que monitorizam o casal ou os monitores televisivos que transmitem as suas imagens em directo-diferido. Entretanto, este Adão e esta Eva, a que não falta a sujeição ao discurso dos preconceitos, submetem-se ao quotidiano experimental dos testes a isto aquilo e aqueloutro. O riso inicial – que de início desarma a experiência – vai cedendo à “des-sintonia”. Ou à “desincronia”. A dada altura é literal, dessincronizam. Num troço de uma cena de refeição (boa parte das cenas passa-se à mesa). O sentido de humor de *Le couple témoin* é uma espécie de pontuação narrativa, incluindo as sequências em velocidade rápida, ou as cenas de comentário de especialistas sobre as discussões do casal, no estúdio de televisão. A paródia é transversal. A estética da imagem assume a conformidade: câmara à mão, alguma rudeza nos planos cerrados, enquadramentos por vezes selvagens, como se as imagens viessem da equipa de televisão que segue as personagens-tipo na casa-tipo (não é certo que os enquadramentos desfigurados ou que roçam a desfiguração respeitem o original, dúvida que fica por esclarecer).

O que parece fidedigno é a informação (Cinémathèque Française) de que *Le couple témoin* foi filmado nos arrabaldes de Paris, no Outono de 1975. Em França, na década seguinte à do Maio do “sob a calçada, a praia”, a arquitectura política congeminava cidades novas e os subúrbios, pobres, continuavam abarrotados da população migrante de trabalhadores que destacava os portugueses. Em Portugal, a revolução seguia o curso pós-Abril. No filme de Klein, as referências a Portugal são diversas. Numa das manchetes que a psicóloga apresenta ao casal para monitorizar reacções, lê-se – *on a vu bouger le Portugal*. O apontamento é “de época” e alia a utopia revolucionária à distopia figurada, em que imperam o sistema, a máquina capitalista, a lógica manipulativa que pugna pela submissão à autoridade e à mentalidade estatística associada. Para a qual a capacidade humana do riso é necessária mas não necessariamente suficiente, como parece afirmar o desfecho.

Duas ou três notas ainda a propósito: o prazer pela composição gráfica, patente noutros trabalhos de Klein, não apenas cinematográficos, e que radica na sua formação de origem, é um motor de *Le couple témoin* e a divertida base criativa das sequências dos genéricos inicial e final com os desenhos, o picotado, as manchas de cor que espreitam o filme noutros momentos. Os “planos-relatório” das letras em ecrã de computador e inscrição do “fim” é remanescente do Hal 9000 do *2001*. Entre as sequências mais divertidas conta-se a do jantar com o Ministro e o particular Dr. Goldberg interpretado por Eddie Constantine, em nova estranha aventura, já não na pele de Lemmy Caution, a sua personagem de detective série B dos anos 1950-60 franceses a que Godard deu uma nova vida em *Alphaville* (e depois em *Allemagne année 90 neuf zéro*). A saída de campo das personagens dos dois psicólogos-sob-contrato, afastando-se de costas na paisagem de lama do estaleiro onde tudo começa e acaba, é a de dois vultos negros como abutres.

Maria João Madeira